



Artigo original

PARA ALÉM DA PERTENÇA ÉTNICA E CLUBISTA: futebol e identidade nacional em Moçambique, 1974-2019

Mauro Manhanguale e Marlino Mubai

Departamento de História, Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane (UEM), Moçambique

Resumo: O futebol é um desporto muito popular em Moçambique. Por vezes visto como uma actividade recreativa e profissional, o futebol também desempenha um papel social e político. No entanto, apesar de ser um desporto de massas, do ponto de vista sociopolítico, o futebol não tem recebido a devida atenção dos pesquisadores das ciências sociais e humanas. Para contribuir no preenchimento desta lacuna, este artigo estuda a contribuição do futebol na construção e fortalecimento da nação moçambicana. O artigo defende que, desde a proclamação da independência em 1975, o futebol tem desempenhado um papel importante no projecto de construção de uma nação forte, unida e moderna. Argumenta ainda que, num contexto de guerras cíclicas e de instrumentalização política da diversidade étno-linguística e regional, o governo de Moçambique tem apostado na popularidade do futebol para promover a ideia de pertença a uma nação unida e soberana. Neste sentido, os jogos da Seleção Nacional de Futebol servem para unir os moçambicanos na defesa da pátria, deixando de lado as diferenças étnicas e clubistas. O Campeonato Nacional de Futebol no modelo “todos contra todos” que abrange clubes de todas as regiões do país, mas que se mostra financeiramente insustentável, é apoiado por fundos públicos por se acreditar que contribui para a unidade nacional. Metodologicamente, é um estudo qualitativo fundamentado no método histórico, procurando compreender os acontecimentos políticos, sociais e desportivos ao longo do tempo. Neste processo, privilegia-se a análise de documentos, revisão de literatura, observação não-participante e entrevistas com informantes-chave.

Palavras-chave: Moçambique, futebol, política, nação

BEYOND ETHNIC AND CLUB MEMBERSHIP: soccer and national identity in Mozambique, 1974-2019

Abstract: Soccer is a very popular sport in Mozambique. Sometimes seen as a recreational and professional activity, soccer also plays a social and political role. However, despite being a sport of masses, from a socio-political point of view, soccer has not received due attention by researchers in social sciences and humanities. To fill this gap, this article studies the contribution of soccer in the construction and strengthening of the Mozambican nation. The article argues that, since the proclamation of independence in 1975, soccer has played a major role in the project of building a strong, united and modern nation. The article further avers that, in a context of cyclical wars and political instrumentalization of ethno-linguistic and regional diversity, the government of Mozambique has relied on the popularity of soccer to promote the idea of belonging to an united and sovereign nation. In this regard, the matches of the national soccer team serve to unite Mozambicans in defense of the homeland, leaving aside people’s ethnic and club differences. The national soccer league in the model of all-against-all, involving clubs from all regions of the country, but which has proved to be financially unsustainable, is supported by government funds because it is believed that it contributes to national unity. Methodologically, is qualitative study based on the historical method to understand political, social and sports events over time. In this process, it uses document analysis, literature review, non-participant observation and interviews with key informants.

Keywords: Mozambique, soccer, politics, nation

Correspondência para: (correspondence to:) manhangueleamauro@gmail.com

Introdução

O futebol é uma modalidade desportiva com destaque central na sociedade moderna. Muitas das vezes visto apenas como uma actividade recreativa e profissional, o futebol é também uma modalidade que desempenha um papel político preponderante. Entretanto, apesar da sua relevância na sociedade moçambicana no período pós-colonial, esta modalidade desportiva tem ocupado um lugar marginal na produção científica das ciências sociais e humanas. Para colmatar esta lacuna, este artigo estuda o contributo do futebol na construção e fortalecimento da nação moçambicana. O artigo argumenta que desde a proclamação da independência nacional em 1975, o governo de Moçambique liderado pela Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) tem se aproveitado da grande popularidade do futebol para alimentar o projecto de unidade nacional, fazendo com que esta modalidade esteja intimamente relacionada com o projecto de edificação de um país moderno e homogéneo. Num país caracterizado por uma grande variedade étnica, cultural, linguística e divergências políticas, o futebol tem servido de factor aglutinador. Isto se reflecte facilmente nos jogos da Selecção Nacional, quando os moçambicanos se unem numa única causa, ignorando grandemente as suas diferenças, substituindo-as por um sentimento de ‘moçambicanidade’. Na asserção de Hobsbawn (1990, p. 171), pessoas de diferentes grupos étnicos se espelham numa ‘imaginária comunidade de milhões [que] parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome’. Isto também se assemelha à ideia de ‘comunidade imaginada’ de Anderson (2006), uma vez que através do futebol, a comunidade torna-se real.

Na ocasião de jogos importantes para a Selecção Nacional, o país manifesta um grande sentimento patriótico, as pessoas vestem roupas e outras se pintam com os

símbolos e cores nacionais, mesmo os que não têm apresso pelo futebol são contagiados, e em caso de vitória, os festejos acontecem com muito entusiasmo em todas as províncias de Moçambique. Neste desiderato, os Mídias, particularmente a rádio e televisão desempenham um papel fundamental na mobilização e disseminação do projecto nacional através do futebol. A acção de mobilização sociopolítica é evidente desde o acompanhamento da preparação do jogo, durante o dia e depois do jogo. A sua incidência e excessiva repetição faz com que mesmo os desinteressados tenham algum interesse, uma situação que confirma o argumento do teórico Anderson (2006), que compreende que os Mídias têm um papel importantíssimo na construção e fortalecimento das nações. Portanto, um jogo de futebol da Selecção Nacional permite uma mobilização e manifestação patriótica que poucas actividades e/ou acontecimentos nacionais possibilitariam.

Alguns dos sinais que demonstram o engajamento do poder político, é a realização do Campeonato Nacional num modelo “todos contra todos em duas voltas”, que já se mostrou economicamente insustentável. A intervenção directa do executivo na mobilização e alocação de fundos para assegurar a realização da prova e o apoio a clubes através de empresas públicas são um indicador do reconhecimento do papel do futebol na materialização do projecto de construção da nação. A construção da unidade nacional é instrumentalizada para justificar que propostas tecnicamente e economicamente viáveis como a realização de um Campeonato Nacional que comece a nível regional e termine com a fase nacional sejam politicamente vetadas, sob o argumento de que se estaria a dividir o país. Outro indicador do papel do futebol na construção da nação é a presença assídua de dirigentes políticos em todos jogos da Selecção Nacional ou durante o Campeonato

Nacional de Futebol. Em muitos casos, estes dirigentes proferem discursos que realçam a importância desta modalidade na (re)construção das identidades nacionais.

Do ponto de vista metodológico, este artigo assenta-se no método qualitativo e histórico. Neste sentido, o método qualitativo apresenta algumas técnicas que se enquadram nesta pesquisa. A técnica de revisão da literatura visa buscar o enquadramento teórico da pesquisa no debate global sobre o tema. Por sua vez, a pesquisa e análise documental visa trazer subsídios específicos que permitam compreender a ligação do futebol e a construção da nação em Moçambique. Na pesquisa documental, as publicações jornalísticas constituem uma fonte relevante, na medida que possibilitam compreender o tipo de discurso dominante em relação ao desporto na construção da nação num contexto em que os Mídias geralmente transmitiam os ideais do regime. Como Booth (2006: 93) argumenta, o desporto moderno teve um desenvolvimento acompanhado por uma produção massiva de jornais, fazendo com que os jornais constituam uma fonte primária chave na história do desporto. As publicações jornalísticas também ganham maior pertinência pelo facto de o arquivo documental do governo sobre as políticas do desporto nos primeiros anos de independência de Moçambique ser de difícil acesso devido a diversos factores, destacando-se o desconhecimento da relevância da conservação de documentação com valor histórico e a informalização de actos oficiais. As fontes orais também se revestem de grande importância porque captam a sensibilidade humana, também permitem preencher algumas limitações identificadas nas fontes documentais. Por fim, a técnica de observação permitiu verificar o nível de popularidade do futebol em Moçambique, bem como, a manifestação de sentimentos de patrióticos, unidade nacional e moçambicanidade neste campo.

O método histórico também foi relevante na produção deste artigo, na medida que a pesquisa abarca um período longo, caracterizado por várias transformações, continuidades e descontinuidades, tornando fundamental interpretar estes processos e as suas implicações ao longo do tempo e espaço. Neste contexto, a técnica da heurística permitiu a recolha e selecção das fontes, tendo em conta o espaço e o tempo, enquanto a hermenêutica possibilitou interpretação a crítica das fontes, procurando compreender a coerência, validade e veracidade, bem como respondem a problemática do estudo. É fundamental enquadrar o futebol no contexto político, social e económico em que esteve inserido, pois permitirá compreender o evento ao longo do tempo, tendo em conta a conjuntura específica de cada época.

O futebol na construção de identidades nacionais: uma visão global

O desporto sempre esteve intrinsecamente ligado a sociedade, por isso, a sua relevância vai muito além das barreiras desportivas. Na concepção de Costa (1991, p. 101), o desporto é um facto social natural com “funcionamento simbólico e capaz dos mais diversos investimentos sociais. Por outro lado, é um fenómeno humano estritamente ligado ao mito, a religião e a cultura. Assim, o universo desportivo é um excelente campo de observação da sociedade, onde podemos encontrar elementos para estruturar modelos ideias de análise social”. O futebol é muito mais que um simples jogo, por isso constitui um óptimo campo de compreensão da sociedade. Por sua vez, Pereira (2010) assinala que o estádio de futebol é um espaço que se percebem dinâmicas, interacções e manifestações emotivas que outro campo e contexto dificilmente proporcionariam. Esta realidade permite que se analise a sociedade a partir do futebol, estabelecendo uma relação permanente entre a modalidade “rei” e a construção da nação.

A construção das nações é um processo complexo, marcado por continuidades e descontinuidades. Desta forma, todos elementos que podem contribuir positivamente neste processo são bem vistos e utilizados. Apesar da importância primária do desporto não ser necessariamente a construção e fortalecimento de nações, com o seu desenvolvimento e popularidade acabou também adquirindo uma função sociopolítica. Segundo Hrstic e Mustapic (2015, p. 149), a conexão entre o desporto e política pode ser traçada desde a antiguidade, mas se tornou mais evidente com o começo do desporto moderno na segunda metade do século XIX, quando o desporto passou a fazer parte do projecto de construção de identidades nacionais. Todavia, foi no período entre as duas grandes guerras que se apresentaram claramente alguns sinais da ligação entre a política e o desporto. A Alemanha nazista e a Itália fascista foram os primeiros a manipularem abertamente o desporto e a educação física para alimentar a ideia de identidade nacional, orgulho e superioridade nacional (BUCKEL, 2008, p. 54; MARTIN, 2018). Um dos exemplos comumente referido é a realização dos jogos olímpicos de 1936 na Alemanha, em que o regime nazista procurou instrumentalizar as olimpíadas para fins políticos.

Os principais teóricos sobre a temática do nacionalismo e nação não prestaram muita atenção ao papel do desporto na construção e fortalecimento de identidades nacionais, apesar do nacionalismo apresentar uma forte ligação com desporto. Para Bairner (2011, p. 38) o nacionalismo tem sido a maior força do desenvolvimento do desporto. Este posicionamento evidencia que parte da relevância do desporto deve-se a alguns aspectos políticos. Outro autor que a partir de vários estudos de caso procurou compreender a relação do desporto e o nacionalismo é Selppel (2017, p. 45), que defende que o desporto se tornou um símbolo central nas

sociedades modernas, na medida que reproduz o nacionalismo e activa estórias sobre o que somos como membros de um país. Todos estes esforços fazem parte do processo da nossa aceitação como membros de uma determinada comunidade.

A história demonstra que a relação entre o desporto e política é mais evidente em Estados com governos autoritários, pois os mesmos podem fazer grandes intervenções sociais, políticas e económicas sem preocupar-se com muitas das limitações que a democracia multipartidária impõe. Por isso, o regime fascista italiano e o nazista alemão foram os primeiros a estabelecerem uma forte conexão entre a nação e o desporto. Também é interessante compreender que muitos dos estudos sobre o desporto, (re)construção e fortalecimento da nação foram feitos em países que apresentavam um certo grau de autoritarismo.

O leste europeu é uma das regiões mais pesquisada neste aspecto. Como Parks (2017, p. 2) argumenta, o desporto nesta região tem sido efectivamente usado pelos regimes para promover a unidade, controle, legitimidade interna e internacional. Interessante notar que mesmo os grupos da oposição também utilizam o desporto para desafiar a ordem estabelecida, minar o poder central e promover a sua visão sobre a sociedade e nação. Isto demonstra que o campo desportivo é extremamente complexo, na medida que pode permitir que os de topo da pirâmide imponham a sua visão, mas também é possível que através do mesmo mecanismo, os que não concordem, tentem estabelecer uma ordem contrária. Ainda no leste europeu destaca-se o estudo de Hrstic, Mustapic (2015), que a partir da análise de textos sobre ícones do desporto croata nos livros do Sistema Nacional de Educação, concluíram que os atletas têm sido usados no processo de construção da identidade nacional. Na concepção dos autores, esta conexão induz para o que Durkheim chamou de

‘efervescência colectiva’. Por outro lado, demonstra como sucessos de certos indivíduos no desporto podem ser aproveitados por políticos na construção da nação.

Os países socialistas apresentam a utilização do desporto no processo de edificação de nações, tendo sido evidente durante o período da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), na China e em Cuba. Como Carter (2014, p. 742) mostra, em Cuba, os líderes revolucionários compreendiam que o desporto era um veículo vital para implantar a revolução e os valores socialistas, assim foi explicitamente instrumentalizado para ajudar o desenvolvimento do ‘homem novo’. Este processo é idêntico ao que aconteceu nos países africanos que seguiram a via socialista no período pós-colonial, sendo que Moçambique foi um dos mais destacados.

Sobre o futebol, Baller (2006, p. 327) argumenta que se tornou um campo para actuação de culturas populares, género, etnicidade, conflitos e reconciliação. Assim, o futebol criou um local de transferência, troca e produção de símbolos, apropriação, transformação e manipulação. Com uma posição convergente, Bogdanov (2011, p. 49) argumenta que o futebol continua sendo o desporto mais popular do mundo e que todos os países têm utilizado como meio de unidade, promoção e celebração da identidade nacional. Estes posicionamentos evidenciam que nenhum país é indiferente a esta função do desporto, a única diferença está no grau de aproveitamento do desporto para a construção da nação.

No contexto da Guerra Fria, Buckel (2008) observa que para além do seu papel importante na formação de identidades nacionais, o desporto também desempenhou um papel de destaque no conflito ideológico entre os campos capitalista e comunista. Em competições como olimpíadas, a luta pelo maior número de medalhas tem sido associada à ideia de superioridade de uma

nação sobre as outras. Assim, o país que ganha maior número de medalhas transmite a ideia de ser mais forte e usa isso para fortalecer a ideia de unidade nacional e auto-estima. Quanto ao continente africano, a utilização do desporto para construção e fortalecimento das nações é acrescida, na medida que a maior parte das nações ainda estão em construção. Muitos dos países ainda têm que superar as consequências nefastas do colonialismo, desde a definição arbitrária das fronteiras à instrumentalização da etnicidade, factores que continuaram no período pós-colonial, tendo resultados negativos para o continente. Neste contexto, o futebol é uma das poucas actividades com capacidade para diminuir estas tensões.

De facto, no discurso político dos líderes africanos, a ‘unidade nacional’ é, provavelmente a expressão mais popular. Como Giulianotti (2010, p. 24) demonstra, ‘ao nível nacional, alguns Estados africanos têm utilizado o esporte para promover formas de coesão nacional que, ao menos em parte, podem também ajudar a consolidar o apoio ao monarca, ao político ou ao partido que governa a nação’. Com o mesmo posicionamento, Vidacs (2010, p. 48) defende que ‘governos pós-coloniais utilizaram o esporte tanto para o controle social como para a promoção de sentimentos nacionais. Na verdade, o nacionalismo é a principal ideologia que os líderes africanos tentaram impor através do esporte’. Estas posições evidenciam a importância do desporto na construção das nações, mas também demonstram que a instrumentalização pode ser para alcançar fins políticos particulares.

Um dos exemplos notáveis é do nacionalista ganês Kwame Nkrumah, que procurou aproveitar-se do futebol para fortalecer o nacionalismo e pan-africanismo. Segundo Darby (2005, p. 887), o primeiro Presidente do Gana independente reconhecia a capacidade do desporto para ajudar a imbuir

nas populações o senso de nação que transcendesse as lealdades tribais, por isso rapidamente utilizou a Seleção Nacional de Futebol como um caminho para ajudar a construir a sua ideia de unidade nacional.

Nkrumah politizou o futebol para que cumprisse uma agenda sociopolítica. Charway e Houlihan (2020), assinalam que o desporto sempre fez parte da política ganesa, sendo instrumentalizado para reforçar a identidade nacional e diminuir as diferenças numa sociedade heterogénea, com mais de 100 línguas e etnias diferentes, assim como seitas religiosas. A popularidade do futebol também é aproveitada para aumentar a aceitação de algumas figuras políticas que procuram levar os créditos das realizações da Seleção Nacional de Futebol em competições internacionais.

Nos Camarões, país com mais de 200 grupos étnicos, mais de 230 línguas e uma tripla herança colonial, fazendo com que a nação seja edificada num contexto de grande complexidade sociopolítica e económica, o desporto é popular, desempenhando efeitos sociais práticos. O sucesso no mundial de futebol de 1990, forneceu um ensejo para unir o país e acalmar as divergências históricas entre a região francófona e anglófona. A predominância do futebol criou uma oportunidade para que estivesse ao serviço da política. Já em 1992, o Presidente Paul Biya declarou um feriado nacional em resultado da performance da Seleção Nacional que tinha se qualificado para o Mundial de Futebol de 1994, realizado nos Estados Unidos da América (EUA) (Clarke, Ojo, 2016).

O sucesso desportivo da Seleção Nacional de Futebol de Camarões favoreceu o regime a lograr alguns dos seus pressupostos políticos. De acordo com Bea Vidacs (1999), a performance vitoriosa da Seleção camaronesa no Mundial de Futebol da Itália em 1990, foi um evento relevante para acalmar o clima social e político turbulento.

Num momento em que o país transitava para democracia multipartidária, Biya procurou se apropriar do sucesso e imagem da selecção, reivindicando que aquelas vitórias e o sucesso desportivo também se devia ao seu contributo e comprometimento pessoal. Desta forma, aproveitou-se da situação para gestão sociopolítica e promoção particular.

No contexto africano, alguns atletas desportivos que se tornaram ícones nacionais e mundiais são utilizados para promover certas agendas políticas. Em muitos países da África Sub-Sahariana, os heróis do desporto são de vital importância no auxílio e promoção da unidade entre as pessoas (BAINER, 2008, p.46). Por seu turno, Depetris-Chauvin e Durante (2017), fizeram um estudo na África Sub-Sahariana em que avaliavam o impacto das vitórias das seleções nacionais de futebol na unidade nacional, concluíram que os resultados positivos fazem com que as pessoas se identifiquem menos com o seu grupo étnico e mais com o país, o que contribui para redução da tensão e violência inter-étnica. O futebol é sinónimo de alegria. Por isso, no momento da celebração das vitórias das seleções nacionais, as pessoas minimizam as suas diferenças e unem-se em prol da nação. No contexto liberiano, Armstrong (2002) defende que a Seleção Nacional de Futebol personifica e sustenta a ideia de nação, dado que este desporto invoca o orgulho nacional e o senso da pertença colectiva. O futebol acomoda o pluralismo étnico a nível dos clubes e nacional, levando ao caminho da socialização política e pode ser considerado como parte da estrutura da construção do país.

A dificuldade dos Estados africanos em compreender as questões étnicas colocou entraves na construção e fortalecimento das nações. O desporto é uma das poucas actividades que contorna essa realidade. A partir da análise da imprensa pós-colonial da Nigéria, Scheler e Dubinky (2020)

argumentam que os jornalistas e adeptos articularam a identificação nacional e o orgulho em torno do futebol, invocando uma nação nigeriana imaginada que não era reproduzida nas secções e páginas que não eram desportivas. Deste modo, o futebol forneceu significados que ajudavam a superar algumas divisões na sociedade nigeriana.

A África do Sul é outro país onde o desporto tem desempenhado um papel preponderante na construção do país no período pós-Apartheid. Neste país, a elite política assumiu abertamente a importância do desporto na edificação de uma nação com muitas diferenças. Neste sentido, destacam-se vários discursos de Nelson Mandela, histórico combatente da luta contra o Apartheid e primeiro Presidente democraticamente eleito no período pós-Apartheid. Fuller citado por Ogunnubi (2019, p. 2) refere um discurso de Mandela, em que o então presidente sul-africano assinala que o desporto tem força para mudar o mundo, inspirar e unir as pessoas de uma forma que poucas actividades conseguem, assim sendo, o desporto pode criar esperança onde apenas havia desespero. Este discurso demonstra parcialmente a ideia que elite política sul-africana tinha sobre o desporto, especialmente como poderia se aproveitar dos seus efeitos positivos na construção de uma nação predominantemente marcada por identidades fragmentadas e ressentidas pelas atrocidades de um recente passado, marcado pela segregação racial, étnica, sociopolítica e económica.

A realização de grandes eventos desportivos também tem impacto positivo a nível social e político. Aproveitando-se da sua pujança económica, a África de Sul organizou eventos de dimensão continental e mundial com o intuito de fortalecer o seu projecto de nação. Cornellissen e Maennig (2010, p. 109) argumentam que a associação entre o sucesso desportivo, orgulho e unidade nacional no pós-Apartheid começou com a realização e conquista do Campeonato Mundial de Rugby

em 1995, em que a conquista do título foi vista pelas figuras políticas como oportunidade para forjar a unidade nacional, possibilitando a instrumentalização destes grandes eventos desportivos. A realização do Campeonato Mundial de Futebol em 2010 também tinha como um dos principais objectivos, aumentar a coesão interna do país. Ainda que, do ponto de vista desportivo tivesse sido uma desilusão, este evento possibilitou consequências positivas no âmbito social e político (NDLOVU-GATSHENI, 2011; CATSAM, 2010). O mesmo sucede-se em Zimbabwe, onde os jogos da Seleção Nacional de Futebol também ajudam a promover a estabilidade e unidade nacional. Zenenga (2012) recorre ao famoso jogo de futebol entre Zimbabwe e Brasil realizado em 2010, na cidade de Harare, argumentando que num momento de tensão política e crise socioeconómica, a disputa futebolística não juntou apenas espectadores de todos credos, raças e sexos, mas também os principais oponentes políticos. Numa rara demonstração de unidade, o então Presidente Robert Mugabe e Morgan Tsvangirai assistiram o jogo a partir da mesma tribuna.

Apesar dos exemplos apresentados, o desporto ainda é uma temática pouco pesquisada em África, particularmente em Moçambique. Entre os poucos estudiosos deste tema, destaque vai para Domingos (2012), que analisa o período colonial, procurando compreender de que forma os africanos encararam a imposição do futebol como um instrumento civilizador. Na sua concepção, os africanos não desempenharam um papel passivo, na medida que também se apropriaram do futebol, exprimindo e reforçando a sua maneira de estar naquele universo. Em relação ao período pós-colonial, Muthisse, Gaspar e Machava (2015, p. 24) argumentam que “a evolução do desporto em Moçambique independente confunde-se, de certa forma, com a própria

história política e económica do país”. Este posicionamento demonstra que não é possível compreender o desporto moçambicano sem ter em conta o contexto em que esteve inserido, pois todas mudanças sociopolíticas e económicas tiveram impacto directo na evolução da actividade. Na mesma senda, Graziano, Pessula e Tembe (2008) apresentam uma abordagem relevante dos vários momentos do desporto em Moçambique.

Em suma, esta secção mostra várias realidades que têm como denominador comum a importância do futebol na construção e fortalecimento das identidades nacionais. A partir desta base teórica, o artigo procura compreender como é que a elite política moçambicana tem aproveitado a popularidade do futebol para edificar a nação moçambicana. Nota-se que a utilização do futebol para gestão social e política é um fenómeno mundial, por isso é relevante compreender a especificidade de Moçambique.

O futebol e o fortalecimento de identidades nacionais: o caso de Moçambique, 1974-1990

A introdução do futebol em Moçambique se sucedeu no período colonial, rapidamente tornou-se uma actividade com grande popularidade entre os colonizadores e os colonizados, mesmo tendo desenvolvido num contexto de segregação. A utilização do futebol para servir fins sociais e políticos é anterior a independência de Moçambique, pois o governo colonial português “desenvolveu uma narrativa imperial propagandística que explorou o êxito de alguns atletas africanos na metrópole” (DOMINGOS, 2012, p. 91). Assim, a integração de futebolistas como Mário Coluna, Vicente Lucas, Hilário Rosário da Conceição e Eusébio da Silva Ferreira, entre outros, serviu para sustentar a ideologia lusotropical, criada por Gilberto Freyre, que

defendia a excepcionalidade do carácter miscigenador do assimilacionismo português (DOMINGOS, 2009).

Com o fim da colonização portuguesa em 1975, após uma década de luta de libertação armada, a Frelimo tomou as rédeas de Moçambique, tendo como objectivo principal a edificação da nação moçambicana. Consciente de que o processo de edificação das nações é extremamente complexo devido às divergências de opiniões, sentimentos, identidades e ideologias, a Frelimo procurou formas de desenvolver um discurso político que galvanizasse o povo em prol da nação. Para atingir os seus objectivos, a Frelimo optou em construir uma nação de cariz marxista-leninista, na qual todas as formas de divisionismo, capitalismo e todos os males impostos pelo sistema colonial fossem erradicados. Nas palavras do Presidente Machel (1978: 11):

Quando pegamos em armas para derrubar a ordem antiga sentimos, obscuramente, (sic) a necessidade de criar uma nova sociedade, forte, sã, prospera, em que os homens, livres de toda a exploração, colaborariam para o progresso comum. [...] A luta pela criação de novas estruturas fracassaria sem a criação de uma nova mentalidade. [...] A eliminação do individualismo, desenvolver uma moral sã e revolucionária [...] exige a destruição das ideias e gostos corruptos herdados [...] é necessário que a ciência vença a superstição. Unir todos os moçambicanos, para além das tradições e línguas diversas, requer que a nossa consciência morra a tribo para que nasça a Nação.

No período pós-colonial, o futebol continuou a ter grande popularidade, poucas actividades reuniam tantas pessoas como o futebol. O regime tinha esta noção, por isso procurou instrumentaliza-lo para alcançar os seus fins sociopolíticos. As maiores enchentes do Estádio da Machava sucederam-se nos primeiros anos de independência, em que

jogos entre equipas nacionais eram assistidos por cerca de 45 000 adeptos (MUTHISSE, GASPAR, MACHAVA, 2015), em ambiente de alegria e confraternização, possibilitando a manifestação de sentimentos nacionalistas que o regime aproveitou para materializar e fortalecer a sua ideia de nação. Nesta senda, o jornalista desportivo Renato Caldeira compreende que o entusiasmo que se vivia no pós-independência, notava-se também no desporto, o Estádio da Machava ficava completamente abarrotado, os dirigentes políticos enchiam os camarotes¹. O futebol movimentava massas de forma contagiante, num momento em que as pessoas estavam bastante optimistas em relação a edificação de um Moçambique unido, desenvolvido e socialmente justo.

Alguns posicionamentos politicamente radicais também se verificaram no futebol, pois esta actividade foi moldada para servir os interesses da construção de Moçambique, sendo relevante a conjugação entre o futebol e a ideologia política Frelimo. Assim, a análise do futebol em Moçambique deve ter em conta o contexto sociopolítico e económico em que esteve inserido. A ideia de que o desporto deveria servir a revolução é repetida diversas vezes. A Frelimo compreendia que na sua “[...] linha política e humana [...] adivinhava, a seu tempo, todo um novo desporto do povo para o povo. Todo um desporto de verdade e grandeza, onde o Homem será dignificado, não sendo mais instrumento da grande orquestra alienatória que tem sido o desporto”².

No primeiro seminário do desporto da província de Maputo, concluiu-se que as funções do desporto deveriam “modificar a sociedade, modificando os indivíduos pela eliminação dos vícios incutidos no tipo de sociedade anterior e preparando-o física, intelectual e moralmente para o novo tipo de sociedade que se quer formar, isenta de separatismo, vedetismos, elitismos e alargado a todo o povo através do enquadramento das

estruturas desportivas nas estruturas políticas de base. [...] Na prática desportiva, a política seja colocada acima da técnica”³. A configuração da nova estrutura futebolística teve que estar alinhada a estes princípios.

Estes excertos mostram que a implementação de um desporto alargado aos moçambicanos, caracterizado por um forte cunho político foi a tónica dominante no discurso e medidas adoptadas. Durante a realização dos primeiros jogos escolares em 1978 foram proferidos discursos que assinalavam que aquele evento criava “[...] as condições para o reforço da nossa unidade nacional, tornando o povo mais apto a desempenhar as tarefas do partido e do governo, principalmente na defesa intransigente da pátria contra as agressões contínuas do imperialismo (CASTANHEIRA, 1978, p. 61). O mesmo sucede em alguns discursos de Marcelino dos Santos, líder histórico da Frelimo que defendia que se fizesse “viver a avidez do socialismo no desporto” (CALDEIRA, ZANDAMELA, 1984), bem como a necessidade de “que os princípios da Frelimo entrem no desporto”⁴.

A narrativa de um desporto marxista-leninista é constante no discurso político e tinha grande destaque na imprensa. O partido-estado pretendia construir uma nação socialista, por isso o desporto deveria ter uma função relevante nesse processo. Numa das edições do Jornal Noticias defende-se que um:

Desporto das massas [era] importante meta a atingir na actual conjuntura sociopolítica. O desporto será [...] exercício físico e mental, um dos factores determinantes da unidade na sociedade moderna. [...] E, por isso, porque pretendemos que em Moçambique floresça realmente uma sociedade nova, torna-se imprescindível conduzir o desporto aos mais recônditos lugares, fazendo dessa juventude que agora se integra nas tarefas prioritárias da construção da sociedade, de uma juventude desportiva exemplar, onde o

*espírito revolucionário esteja sempre presente*⁵.

Nesta asserção, a importância sociopolítica do desporto é muito mais relevante que os aspectos técnicos e desportivos, ou seja, a linha entre o futebol e a política é ténue. A politização do desporto é mais evidente em sociedades com governos extremamente reguladores como Moçambique no período a seguir a independência. A imposição de construção de um país socialista teve as suas contradições, o que paulatinamente possibilitou a impopularidade do projecto. Estas exigências e contradições também se manifestaram nas políticas sobre o futebol, pois como os detentores do Poder político defendiam, o futebol não poderia ser uma actividade que estivesse a parte do processo “revolucionário”.

Para atingir os objectivos traçados, o governo da Frelimo entregou a gestão do desporto federado a Direcção Nacional de Educação Física e Desportos. Este organismo assinalava a necessidade da criação de um desporto totalmente integrado no processo revolucionário, que contribuísse para o avanço e consideração da revolução. Neste sentido, procurava moralizar a estrutura desportiva do período colonial para que se ajustasse aos novos propósitos⁶. Isto levou a uma revolução nas estruturas desportivas, destacando-se a instrumentalização do desporto para fins políticos, preferência por um desporto amador, integração dos clubes a entidades estatais, condicionamento e interdição de transferência de atletas, alteração de designações e símbolos de associações e clubes de cariz colonial, religiosa e étnica, bem como o combate aberto a certas modalidades desportivas por se considerar que representavam o ‘capitalismo-colonial’.

Estas mudanças faziam parte da nova ideia de nação, em que o desporto deveria se enquadrar. Por exemplo, a mudança dos nomes dos clubes foi imposta. Ciente da

importância da toponímia na construção e fortalecimento de identidades, o governo mandou alterar quase a totalidade dos nomes colonialistas das organizações desportivas. Assim, o Sporting de Lourenço Marques tornou-se o Clube de Desportos da Maxaquene e o Benfica de Lourenço Marques passou a designar-se Clube de Desportos da Costa do Sol. Clubes como o Gazense, Inhambansense, Mahafil Issilamo, Zambeziano mudaram de nome por se considerarem regionalistas, étnicos e religiosos, o que poderia colocar em causa o projecto de construção de uma nação homogénea, sem nenhum tipo de divisionismo.

A preferência por um desporto amador, integração dos clubes nas entidades estatais, condicionamento e interdição de transferência de atletas, bem como o combate aberto a certas modalidades desportivas por representarem o ‘capitalismo-colonial’ devia-se ao facto da Frelimo compreender que a estrutura desportiva colonial não se enquadrava à nova conjuntura e ao tipo de nação que se pretendia construir. Estas mudanças podem ser enquadradas na ideia do Presidente Samora de escangalhar o aparelho administrativo e comportamentos coloniais⁷.

Logo a seguir à independência, a Selecção Nacional de Futebol participou de jogos internacionais, sendo o ponto mais alto a participação na Copa Africana das Nações (CAN), realizada no Egipto, no ano de 1986, marcando assim a estreia nacional em competições internacionais. A qualificação foi marcada por dois grandes jogos contra o Malawi e Líbia que foram decididos com a marcação de grandes penalidades, com o Estádio da Machava abarrotado, o futebol cumpria a sua missão de unir os moçambicanos em prol da nação.

Os jogos possibilitaram uma grande manifestação de moçambicanidade e patriotismo, pois o seu impacto extravasou as

barreiras desportivas. Num período em que os moçambicanos se encontravam pessimistas devido a grave crise político-militar e socioeconómica que caracterizava o país (MUBAI, 2015), o futebol era das poucas actividades que garantia alegrias para as pessoas e mantinha viva a chama da unidade nacional. João Carlos da Conceição, na altura responsável máximo da Direcção Nacional de Educação Física e Desportos, recorda que houve muito entusiasmo devido a qualificação de Moçambique ao CAN de 1986, ainda acrescenta que “[...] em todos os países, a qualificação para um mundial, para um continental que é o caso do CAN trazem a população uma autoestima muito grande, ficam todos eufóricos, já que se chegou ao ponto de passagem, [...] aquilo traz uma autoconfiança extraordinária [...]”⁸.

O contexto socioeconómico e político-militar da década de 1980 obrigou a formulação e implementação de reformas estruturais, desta forma, a idealização do projecto de Moçambique mudou, mas o futebol continuou a auxiliar a construção da nação. O futebol prosseguiu sendo uma modalidade relevante na edificação de Moçambique, possibilitando a coesão sociopolítica de forma tão particular e eficiente. No período da democracia multipartidária, a utilização do futebol como uma modalidade importante no apoio a unidade nacional agudizou, demonstrando ainda mais a sua relevância.

O futebol e fortalecimento da nação moçambicana, 1990-2019

O período a seguir a independência foi marcado pela tentativa de construir uma nação socialista, todavia, depois de cerca de 10 anos existiram factores político-militar e socioeconómico que impeliram a Frelimo a mudar a sua perspectiva. Deste modo, em 1987, o país adoptou o Programa de Reabilitação Económica e em 1990 abraçou-se o multipartidarismo. Estes acontecimentos fizeram com que o projecto de nação sofresse

uma profunda reformulação, mas assente na questão da unidade nacional que não foi colocada em causa. Estas transformações tiveram efeito directo na forma como o futebol passou a ser usado para servir interesses sociopolíticos em Moçambique.

A década de 1990 foi marcada por vários acontecimentos, desde a mudança constitucional (1990), a assinatura dos Acordos Gerais de Paz (1992) e a realização das primeiras eleições multipartidárias (1994). A nível futebolístico, o país teve duas participações no CAN de 1996 na África do Sul e 1998 na Burquina Fasso. Do ponto de vista desportivo, os resultados nestas participações foram negativos, com a selecção a conquistar apenas um ponto na edição de 1996 e a não pontuar em 1998. Entretanto, a nível social e político teve efeitos positivos, se verificando enchentes no Estádio da Machava, lotado por diversas pessoas com diferentes convicções sociais e políticas, mas vestidas de cores e símbolos nacionais.

Estes acontecimentos sucederam-se num contexto em que as feridas da guerra civil ainda estavam abertas e existiam grandes divergências entre os agentes políticos, que em muitos casos recorriam a instrumentalização da etnicidade, colocando em causa o princípio fundamental da unidade nacional. As duas primeiras eleições ocorrem num ambiente crispado e com os resultados mais equilibrados entre as maiores forças políticas do país⁹. De certa forma, as alegrias do futebol atenuavam estas divergências, configurando-se como um dos poucos campos em que se estabeleciam consensos.

Para além dos jogos da Selecção Nacional de Futebol, o Campeonato Nacional de Futebol¹⁰ também continuava sendo uma prova de grande popularidade. Antes de 1990, os jogos do Campeonato Nacional atraíam muitos adeptos aos estádios, dando uma imagem de que Moçambique era um país de

futebol, onde as pessoas encontram no desporto “Rei”, motivos de alegria, confraternização e união. Os líderes políticos sempre tiveram a noção desta relevância, não é por acaso que praticamente todos líderes geralmente se apresentassem como grandes seguidores do futebol, tal sucede-se pelo facto de procurar-se aproveitar esta actividade para questões de gestão política e social. Tomando como exemplo Muammar Gaddafi, Billebault (2020) refere que o presidente líbio odiava o futebol, por considerar um desporto estúpido, acompanhado por pessoas que fracassaram em executar as suas actividades. Contudo, ao mesmo tempo, compreendia que poderia extrair vantagens políticas do futebol, por isso procurou instrumentaliza-lo.

No caso de Moçambique, ao longo da liderança do Presidente Joaquim Alberto Chissano (1986-2004), encontram-se poucos discursos do Presidente relacionados com o desporto na construção da nação. O Presidente Chissano tinha a particularidade de apresentar um posicionamento mais contido sobre as diversas questões sociopolíticas e económicas do país, característica que marcou a sua forma de governação. Ainda assim, encontram-se alguns discursos sobre este tema, em 1991, Chissano dirigindo-se a delegação moçambicana que participou nos jogos Pan-africanos, sublinhou que os desportistas tinham sido embaixadores de Moçambique. Rematou que “[a nível internacional] tivemos uma representação digna de realce, a começar por Lurdes Mutola, passando por Laura Nhavene e pelo Desportivo de Maputo em futebol, [...] vocês agiram no Cairo como autênticos embaixadores do nosso país, pois muita gente pensa que em Moçambique só existe guerra e pessoas a fugirem [...], vocês conseguiram provar o contrário, por isso mesmo congratulo-me com isso”¹¹.

Quando em 1991, o Desportivo de Maputo chegou as meias-finais duma das maiores competições de clubes a nível africano,

Chissano, considerou que a proeza representava um grande impacto no orgulho nacional, num momento sociopolítico e económico extremamente delicado para os moçambicanos. Acrescentou que, mais uma vez, o futebol mostrou-se relevante para gestão do país¹². Chissano também procurou aproveitar-se da popularidade do futebol para angariar votos para o seu sucessor Armando Guebuza. Na altura, o então Presidente da República compreendia que o desporto teria continuidade com Guebuza. Num encontro com desportistas, Chissano referiu que “confiamos na Frelimo e no seu candidato, e posso garantir-vos que conheço Guebuza como desportista, vi-o a jogar futebol e era algo de invejável, por isso com a Frelimo na voz de comando e Guebuza a dirigir os destinos do país, o nosso desporto só sairá a ganhar com isso [...]”¹³. Durante os mandatos de Guebuza confirmou-se a permanente recorrência ao futebol para auxiliar o projecto de auto-estima, orgulho nacional e fortalecimento da unidade nacional.

Neste caso, nota-se o aproveitamento do futebol com o objectivo de manter a liderança dos destinos do país. Isto demonstra que os líderes políticos compreendem a relevância do desporto na implementação de variados projectos em Moçambique. Sobre esta matéria, Giulianotii (2010) observa que para além de se promover formas de unidade nacional através do futebol, também procura-se consolidar meios de atingir objectivos políticos particulares. De todas as formas, em 2015, Chissano foi distinguido como homem do desporto pelo Ministério da Juventude e Desporto e a Federação Moçambicana de Futebol pelo apoio que prestou ao desenvolvimento desta actividade em Moçambique¹⁴.

Nos mandatos do Presidente Armando Emílio Guebuza (2005-2014), o futebol passou a ter grande destaque no seu projecto político. Durante a sua governação, procurou

instrumentalizar o futebol para alcançar os seus objectivos políticos, particularmente no fortalecimento da nação moçambicana. Se tivéssemos que destacar as palavras mais repetidas nos discursos de Guebuza, seguramente destacaríamos a “unidade nacional e auto-estima”. O futebol pode ter e teve efeitos positivos tanto numa, como noutra. No discurso da sua segunda investidura como Presidente da República, Guebuza destacou a relevância da auto-estima e unidade nacional, deixando claro que a sua governação girou em torno destes dois pressupostos:

A auto-estima do moçambicano, o seu orgulho pela sua história, cultura e feitos cristalizou-se. [...] o moçambicano aumentou a sua auto-confiança e gerou mais energias que despoletaram as suas natas, mas adormecidas capacidades de realização. A Unidade Nacional consolidou-se ao longo deste quinquénio e mais compatriotas nossos sentiram-se encorajados a inserir-se política, social e economicamente em qualquer espaço do nosso solo pátrio. Com a Unidade Nacional, cresceu o sentido de Pátria, o amor pelos nossos símbolos e valores da moçambicanidade. [...] a “Unidade Nacional é o sangue que corre em todas as artérias da nossa sociedade, levando o oxigénio da esperança e da nossa insofismável vontade de vencer obstáculos. A Unidade Nacional é, sobretudo, o sangue que transporta as imunidades necessárias para que, como um Povo, como uma Nação, não desfaleçamos perante esses obstáculos”¹⁵.

O futebol é uma actividade que pode ser bem enquadrada neste projecto, por isso procurou-se criar condições para que esta modalidade unisse os moçambicanos. Armando Guebuza foi um presidente com vários discursos sobre o desporto, nos quais sempre destacava a sua importância para unidade nacional e elevação da auto-estima dos moçambicanos. Como se pode verificar no livro “Armando Guebuza: Com acento tónico na Unidade Nacional,

auto-estima e paz” (MATUSSE, MALIQUE, ISSUFO, 2015), os discursos nele patentes colocam o desporto para além das fronteiras desportivas¹⁶.

Um dos pilares da governação do terceiro Chefe de Estado de Moçambique foi a edificação de grandes infra-estruturas que também serviam para aumentar a popularidade das estratégias governativas. No caso do desporto destaca-se a construção do Complexo Desportivo de Zimpeto, que contém o primeiro Estádio Nacional de Futebol edificado no período pós-colonial. Na ocasião da inauguração, Guebuza considerou “o desporto como uma actividade preponderante para a elevação do espírito de unidade nacional [...] [afirmando] que a inauguração da infra-estrutura, a maior erguida desde sempre, deixa os moçambicanos com espírito do dever cumprido¹⁷.

O ano de 2011 foi marcado por alguns acontecimentos desportivos com grande significado social para Moçambique, destacando-se a realização dos X Jogos Africanos. Guebuza afirmou naquela altura que “o nosso maior desafio é usar os Jogos Africanos como jogos de reafirmação da moçambicanidade, da auto-estima e da heroicidade desta pátria de heróis”¹⁸. Este posicionamento foi reafirmado no discurso que o então Presidente de Moçambique fez para delegação nacional para os Jogos Africanos, onde referiu que Moçambique eram aqueles atletas, assinalando que:

Nós confiamos em vós. Vocês farão vibrar os corações dos mais de 21 milhões de moçambicanos que durante este período estarão com os olhos virados para o vosso desempenho. [...] têm aqui uma oportunidade para fazerem história e para através dos vossos resultados, ficarem associados as honras e glória que estes jogos vão registrar. [...] este acontecimento também se abre para a confraternização entre os participantes e, sobre o prisma

*de moçambicanidade, tem o condão de contribuir para a consolidação da unidade nacional e do sentido de pátria entre todos e em cada um dos atletas e técnicos moçambicanos*¹⁹.

Os representantes políticos sempre procuraram vincar os argumentos relacionados com a unidade nacional, estes são tão repetidos que se torna complicado ficar indiferente, percebia-se que a mensagem tinha algum impacto na sociedade que seguramente estava num período de certo optimismo sociopolítico e económico. Na abertura do dos X Jogos Desportivos Escolares de 2011, realizados em Maputo, o então Chefe de Estado fez um discurso emotivo sobre aquela competição e seu impacto no país, sob lema “inspirados em Samora Moisés Machel, façamos do desporto um instrumento de consolidação da unidade nacional.” O Presidente da República assinalou:

O Presidente Samora Moisés Machel era um homem de desporto. Foi ele que, a 7 de janeiro de 1978, precisamente aqui neste Estádio da Machava lançou a primeira edição dos Jogos Desportivos Escolares. Para ele o desporto tinha uma grande contribuição a dar na promoção da unidade nacional, da moçambicanidade e do sentido patriótico. Ele também encarava o desporto como um elemento preponderante na construção de relações sociais mais saudáveis e humanas entre os moçambicanos e no reforço do espírito de solidariedade e como um mecanismo de levar Moçambique para o mundo e o mundo para a nossa pátria amada.

Desportivamente, o período da governação de Guebuza foi marcado por um desenvolvimento futebolístico notável, tendo a Seleção Nacional conseguido se apurar para o CAN de 2010, realizado em Angola. Este acontecimento sucedeu-se depois de cerca de 12 anos sem que a Seleção se qualificasse para aquela prova. Durante a qualificação, os jogos contra o Quênia, a Nigéria e a Tunísia

foram os momentos em que o futebol mais uniu e deu alegrias aos Moçambicanos. O Estado da Machava voltou a apresentar enchentes que não se viam há bastante tempo, pessoas vinham de todas as partes do país e pernoitavam nos arredores do Estádio. Nos dias dos jogos, os que não conseguiam obter bilhetes, ficavam na parte exterior do Estádio, alguns subiam em árvores e outros em postes de corrente elétrica, colocando em risco a sua integridade física. As pessoas vestiam as cores e símbolos nacionais, os meios de comunicação faziam uma grande cobertura que ajudava a despertar o interesse até dos mais desinteressados. Estava provado que poucas actividades conseguia mobilizar tamanha manifestação de moçambicanidade e patriotismo.

Numa mensagem de encorajamento de Guebuza para a Seleção Nacional de Futebol também conhecida por Mambas durante a qualificação para o CAN e Mundial 2010, o Presidente referiu que “[...] queremos desejar-vos os maiores sucessos. Formulamos votos para que nos tragam de volta um resultado que mantenha e faça crescer o nosso orgulho de sermos filhos e donos desta pátria de heróis”²⁰. A mensagem presidencial destaca a relevância social e política de uma possível vitória nacional. O Presidente Guebuza sempre compreendeu que o futebol permitia uma mobilização que poucas actividades conseguiam, nem mesmo a popularizada Marcha da Chama da Unidade Nacional ou outros vários festivais realizados a nível nacional.

A participação de Moçambique no CAN-2010 foi, uma vez mais, desportivamente negativa, pois a Seleção não passou da primeira fase, tendo empatado com o Benin e averbado duas derrotas contra a Nigéria e o Egipto, que foi campeão dessa edição. Todavia, sob ponto de vista sociopolítico foi positivo, particularmente na unidade e auto-estima, palavras extremamente repetidas pelo executivo moçambicano. Durante a prova, os

moçambicanos acompanhavam os jogos a partir dos Mídias e vários locais foram preparados para que as pessoas assistissem as partidas em grupos, configurando momentos de confraternização com grande impacto social e político.

Neste período, o Campeonato Nacional de Futebol também continuou a desempenhar a sua função social e política, apesar de ser uma prova onerosa para as contas públicas e o seu nível de popularidade apresentar um certo decréscimo. No imaginário do governo, esta prova é um digno representante da unidade nacional. Por isso, o então presidente da Liga Moçambicana de Futebol (LMF) Alberto Simango Júnior realçou que:

“A dado momento sentimos que o meio do futebol serviu como um veículo de manifestação de unidade nacional, para além de sustento de muitas famílias que nele se encontram envolvidos. As equipas quando se encontram a jogar em qualquer ponto do país manifestam a auto-estima e orgulho da nossa própria moçambicanidade. As pessoas quando jogam sem olhar para as regiões ou zonas a que pertencem fazem-no para um Moçambique unido. Isso é um grande orgulho para nós²¹.”

Esta ideia também é referida diversas vezes por Guebuza. Quando a Seleção se qualificou para o CAN-Interno, prova que participam jogadores que militam em campeonatos africanos internos. Em suas palavras, Guebuza disse:

A presença da nossa Seleção Nacional de Futebol, os “Mambas”, é, indubitavelmente, reflexo da competitividade que caracteriza o Campeonato Nacional, o Moçambola, uma das maiores montras do nosso futebol, esteio da nossa unidade e moçambicanidade. Pelo mérito da conquista da sua própria participação no CAN-Interno, saudamos os atletas, treinadores, pessoal médico e dirigentes federativos que corporizam os “Mambas” e o maravilhoso Povo Moçambicano que acreditou e deu força a esta equipa de todos nós para lutar

sempre para se auto-superar no seu empenho e desempenho. Saudamos ainda o espírito competitivo e de trabalho em equipa que está por detrás dos resultados que elevam o nome de Moçambique no futebol africano e de que todos nos orgulhamos. Fomos todos testemunhas das qualidades dos nossos “Mambas”, sobretudo durante a fase de apuramento, através da sua prestação auspiciosa; da galhardia com que os nossos jogadores lutaram, jogo a jogo; e do sentido de Pátria e de missão em que se inspiraram e com os quais brindaram a Nação Moçambicana através da sua qualificação²².”

Moçambique se qualificou para o CAN-Interno numa altura em que celebrava a semana nacional do desporto. Discursando naquele evento, o Ministro da Juventude e Desporto, Fernando Sumbana venceu que se tratava de “uma oportunidade para os desportistas nacionais fizessem uma reflexão séria e objectiva sobre o contributo que prestam no processo de desenvolvimento do desporto no país, para que seja realmente um verdadeiro veículo para a promoção de uma sociedade onde o mesmo [...] é verdadeiramente um instrumento de promoção da unidade nacional e da cultura de paz”. Sobre a qualificação, Sumbana referiu que a mesma tinha o sublime mérito de unir os moçambicanos à sua volta e elevar ainda mais a sua auto-estima²³.

O mandato de Guebuza teve muitos acontecimentos futebolísticos que permitiram o seu aproveitamento para a gestão social e política. Este contexto foi facilitado pelo crescimento económico notável e boas perspectivas económicas devido a descoberta e início de exploração de alguns recursos minerais²⁴. A estratégia de governação de priorizar a construção de grandes infraestruturas (ARMAS, 2014), a emergência de uma classe média nos parâmetros moçambicanos, um clima político-militar estável até ao ressurgimento das confrontações militares em 2013 entre as

forças governamentais e da Resistência Nacional de Moçambique (Renamo) tinham um impacto positivo na sociedade moçambicana. Estes pontos aliados a incidência de discursos sobre a unidade nacional e auto-estima permitiram que os bons resultados futebolísticos fossem descaradamente instrumentalizados. Por isso, até ao último momento da sua governação, quando Guebuza foi homenageado pelos desportistas pelos feitos, ele demonstrou o seu orgulho e classificou os atletas como “promotores da unidade nacional, da auto-estima e da cultura de trabalho”²⁵.

Depois de dois mandatos do Presidente Guebuza, em 2015 começou um novo ciclo de governação liderado pelo Presidente Filipe Jacinto Nyusi. O início da sua governação coincidiu com um contexto socioeconómico e político-militar adverso. Em diversas ocasiões, o Presidente assinalou essa conjuntura para justificar as dificuldades para implementar o seu projecto político. A nível económico, o país perdeu financiamento directo ao Orçamento Geral do Estado devido ao escândalo das dívidas ocultas ou dívidas não declaradas, enquanto politicamente e militarmente houve uma tensão pós-eleitoral que fez ressurgir os ataques militares da Renamo, particularmente no centro do país. No mesmo período, em algumas regiões do norte, principalmente em Cabo Delegado, se verificaram ataques terroristas atribuídos a um grupo islâmico localmente chamado de *Al-Shabaab* (WEIMER, CARRILHO, 2017; WEIMER, 2020). Toda esta conjuntura teve efeitos negativos no processo da construção da nação e auto-estima dos moçambicanos, afectando todas as áreas, inclusive o futebol.

Neste contexto, a governação compreendeu que o futebol seria um instrumento importante para diminuir estas tensões e manter o mesmo imaginário de nação para Moçambique. A nível da Seleção Nacional de Futebol, os resultados foram francamente maus, não tendo conseguido qualificar para

nenhuma competição internacional. Mesmo assim, o Presidente Nyusi também seguiu a mesma direcção dos seus antecessores, apoiando abertamente o futebol e procurando beneficiar-se dos seus significados sociais e políticos. Nyusi tem acompanhado de forma interessada as preparações e os jogos da Seleção Nacional de Futebol. Antes de um importante jogo de qualificação ao CAN-Interno, contra o Madagáscar em julho de 2017, o Presidente foi assistir a última sessão de treinos da Seleção Nacional para dar força aos jogadores e corpo técnico. Nyusi referiu que “gostaria de convidar a todos moçambicanos disponíveis para estarem com a equipa neste domingo. Quando é jogo da Seleção não há distinção de religião, não há pessoa de outra província, de outra raça, nem há pessoa de outro partido político, é toda gente junta. Essa é a maneira que encontramos para nos reencontrarmos”²⁶.

As declarações de Nyusi têm um profundo significado social e político, demonstrando que o futebol é muito mais que um simples jogo. Nyusi, tendo a noção das diversas diferenças políticas, sociais, religiosas, étnicas e até raciais, coloca o futebol como um dos poucos elementos com a capacidade de forjar a ideia de irmandade e unidade nacional, por isso compreende que o futebol é uma forma (política e social) que encontramos para reencontrarmo-nos.

Por outro lado, dada as dificuldades económicas, o Campeonato Nacional de Futebol tornou-se cada vez mais insustentável, fazendo com que os gestores desportistas começassem a estudar paradigmas alternativos. O modelo utilizado desde a viragem do século é o “todos contra todos em duas voltas”, porque na opinião dos dirigentes políticos representa verdadeiramente a unidade nacional, contudo, a crise económica fez com que a prova se tornasse cada vez mais insustentável, pois verificava-se pouca disponibilidade financeira dos patrocinadores privados,

obrigando um esforço suplementar do governo para manter o Moçambola naqueles moldes. A insistência num modelo economicamente inviável acabou propiciando a interrupção do Campeonato Nacional de Futebol em Abril de 2018, pois segundo o Presidente da LMF, "as Linhas Aéreas de Moçambique (LAM) manifestaram indisponibilidade para continuar a transportar as delegações sem o correspondente pagamento imediato e, por isso, teremos de interromper o campeonato"²⁷

As incertezas sobre a continuação do Moçambola levantaram um grande debate com opiniões divergentes. A nível do Poder político, a substituição do modelo "todos contra todos" estava fora de questão, pois poderia "enfraquecer a unidade nacional". A imprensa também continuou com essa propaganda que visava fazer acreditar as pessoas, particularmente desportistas que um modelo regional seria um retrocesso na qualidade da competição e na sua função de unir os moçambicanos. Num dos artigos de opinião, intitulado "o futebol da divisão nacional", o jornalista desportivo Mavota (2019) criticou a possibilidade de um campeonato regional, argumentando que o futebol bateu muito fundo, pois se o sul tiver o seu campeonato e outras regiões o seu Moçambola seria gravíssimo, um cenário que esquartejaria a festa do futebol nacional, tirando a unidade nacional dos moçambicanos, bem como a competitividade da prova. Neste contexto, o Presidente da República teve que intervir directamente para que o campeonato pudesse continuar nos moldes previamente estabelecidos. Num comício popular, Nyusi defendeu que:

"Moçambola já não é uma actividade de uma pessoa ou de um grupo de pessoas, de uma liga ou de uma direcção. Moçambola é uma actividade do povo moçambicano, pertence ao povo. Quero tentar fazer que haja uma solução com os desportistas de Moçambique, que por ser do povo e como não queremos

interromper as aspirações do povo, vamos fazer esforço para ajudar para que este Moçambola possa chegar ao fim. Vamos tentar mobilizar os apoios e recursos e nesta nossa prontidão também queremos aconselhar os que dirigem o desporto, o apoio da Federação Moçambicana de Futebol para poder, nas próximas etapas, serem rigorosos naquilo que dizem e encontrar melhor figurino que não interrompa a aspirações e os planos dos clubes ou mesmo da população, que está formatada para assistir, participar no desporto de uma ou da outra forma [sic]"²⁸.

Este posicionamento demonstra a grande importância que o futebol tem no projecto de unidade nacional dos governantes de Moçambique, que em alguns casos, até coloca em causa a sustentabilidade de empresas públicas para servir esse objectivo. Naquele caso, as LAM encontravam-se num período de reestruturação económica, pois a Companhia aérea nacional se encontrava em falência técnica. Mesmo assim, teve que continuar a transportar as comitivas desportivas sem que a LMF fizesse o pagamento correspondente. O jornalista Adérito Caldeira (2019) referiu que o Presidente Nyusi teve que redireccionar as verbas do Ministério da Terra e Desenvolvimento Rural para pagar as contas da LMF de modo a evitar que o Moçambola fosse interrompido.

Este esforço permitiu que Campeonato Nacional de Futebol de 2018 continuasse nos moldes inicialmente propostos. No fim da época houve outro grande debate sobre o modelo de campeonato a ser propostos, tendo em conta que o principal objectivo era tornar a prova sustentável. Neste sentido, os responsáveis da LMF compreendiam que o modelo regional era o mais adequado para a época de 2019, contudo, o governo moçambicano não concordava com um modelo que pudesse "dividir" o país.

O Presidente Nyusi começou a mobilizar os

fundos pessoalmente. Como reconheceu o Presidente da LMF, a intervenção do Chefe de Estado foi crucial e fundamental para a viabilização do Moçambola 2019 no modelo clássico “todos contra todos”. Para Ananias Couana, Nyusi foi fundamental na aproximação entre a LMF e diversos parceiros públicos e privados. Quanto ao transporte aéreo que se afigurava como o principal entrave, referiu que o Chefe de Estado garantiu a movimentação das equipas por esta via²⁹, ou seja, mesmo sem a LMF dispor de dinheiro para pagar as deslocações das equipas, as LAM assegurariam as movimentações, um acto de má gestão que apenas pode se explicar pela importância que os governantes dão a esta prova no processo da unidade nacional.

Tendo em conta a configuração geográfica e extensão territorial de Moçambique, um modelo de Moçambola regional seria o mais ajustado. Caldeira (2016: 63) compreende que o “Moçambola, ao contrário do que recomendam os manuais de desenvolvimento global, é um símbolo de macrocefalia, sob todos ângulos que se queira analisar”, destacando que “mais de 80% são suportados por empresas públicas, que vivem dos impostos dos cidadãos”. Esta situação apenas se justifica pela percepção do Poder político de que o Campeonato Nacional de Futebol no modelo “todos contra todos” representa a unidade nacional. A construção e fortalecimento das unidades nacionais continua sendo uma temática controversa e encarada com certa desconfiança pelos políticos africanos, por isso em muitos casos têm este posicionamento excessivamente conservador e regulador quando tratam de assuntos relacionados com a etnicidade, diferenças sociais, económicas, políticas, linguísticas e as assimetrias regionais.

Num dos actos públicos, durante a inauguração da fábrica de cerveja da Heineken em Marracuene, o Presidente Nyusi referiu que “no que tange a responsabilidade

social, [...] introduzi um tema aqui a família Heineken, agora na mesa, e também aos gestores, que todo o povo moçambicano clama por um campeonato nacional onde as 16 equipas, ou 14, jogam umas contra as outras, que tal ser o patrono, a Heineken viabilizando este projecto” (Caldeira, 2019).

No mesmo artigo de opinião, Caldeira (2019) critica o facto da marginalização de outras modalidades que custam menos e dão mais alegrias, bem como a falta de políticas sociais relevantes que as pessoas tanto clamam. Noutro artigo, Caldeira (2019) utiliza os dados de resultados desportivos referidos no discurso de Estado da Nação de Filipe Nyusi em 2019 para defender que o Presidente admitiu que embora tenha investido bilhões de meticais no futebol, os resultados desportivos vieram de modalidades não consideradas prioritárias. O investimento no futebol mesmo não apresentou resultados desportivos positivos demonstra que é uma actividade central na estratégia de unidade nacional dos diferentes governos de Moçambique. O futebol não pode ser analisado de forma estritamente desportiva, apenas como actividade de lazer e bem-estar, pois é abertamente utilizado para a gestão social e política.

Considerações finais

A relevância e popularidade do futebol no mundo moderno é indiscutível, por isso, a sua função extravasa as barreiras desportivas, posicionando-se como um factor extremamente importante na construção e fortalecimento das identidades nacionais. A partir do estudo de caso de Moçambique, este artigo procurou mostrar que desde a proclamação da independência nacional em 1975, o governo de Moçambique liderado pela Frelimo tem se aproveitado da grande popularidade do futebol para alimentar o projecto de unidade nacional, fazendo com que esta modalidade esteja intimamente relacionada com o projecto de edificação de

um país moderno e homogéneo. Numa sociedade caracterizada por uma grande variedade étnica, cultural, linguística e divergências políticas, o futebol tem servido de factor aglutinador.

Todos os governos moçambicanos procuraram se socorrer da actividade desportiva para actos de gestão social, política e promoção particular. Os discursos e medidas políticas implementadas pelos sucessivos governos de Moçambique na área desportiva demonstram que o futebol representa muito mais que uma simples modalidade desportiva, desempenhando uma posição preponderante no campo da construção e fortalecimento da nação. A forma como esta modalidade desportiva impacta no senso de união e auto-estima dos moçambicanos em diversos momentos históricos, prova a sua resiliência e vitalidade. Em muitos contextos em que a expectativa dos moçambicanos em relação ao projecto de nação mostrava-se pessimista, o futebol continuava sendo uma das poucas actividades que mantinha acesa a chama da unidade nacional.

A Seleção Nacional de Futebol e o Campeonato Nacional de Futebol acabam configurando elementos ímpares na coesão nacional. Nesta modalidade, se verificam muitas manifestações de patriotismo, unidade e orgulho nacional. Este artigo também reforça o argumento de que o futebol em Moçambique é muito mais que um simples jogo, visto que ocupa um lugar de destaque no campo da edificação e consolidação da nação. Assim, a experiência de Moçambique se enquadra numa realidade global em que se verifica a utilização do futebol para fins políticos e sociais.

Referências

ANDERSON, B. **Imagined communities: reflections on the origins and spread of nationalism**. London: Verso, 2006.

ARMAS, E. Infraestruturas e investimento público. In: ROSS, D. (ed.) **Moçambique em ascensão: construir um novo dia**. Washington, DC.: Fundo Monetário Internacional, 2014. p. 41-55.

ARMSTRONG, G. Talking Up the Game: Football and the Reconstruction of Liberia, West Africa. **Identities: Global Studies in Culture and Power**, v. 9, n. 4, p. 471-494, 2002.

BAIRNER, A. Sports Development, Nations and Nationalism. In: HOULIHAN, B., GREEN, M. (eds.). **Routledge Handbook of Sports Development**. New York: Taylor & Francis e-Library, 2011. p. 31-41.

BAIRNER, A. Sport, Nationalism and Globalization: Relevance, Impact, Consequences. **Hitotsubashi Journal of Arts and Sciences**, n. 49, p. 43-53, 2008.

BALLER, S. Editorial: The Other Game: The Politics of Football in Africa. **Afrika Spectrum**, v. 41, n. 3, p. 325-330, 2006.

BILLEBAUT, A. Libya: When Muammar Gaddafi played political football. **The Africa Report**. 25 sept., 2020. Disponível em: <https://www.theafricareport.com>. Acesso em: 15 novembro, 2020.

BOGDANOV, D. **Influence of National Sport Team Identity on National Identity**. 2011. 264p. Thesis (PhD in Sport Management) – Postgraduate in Sport Management, Florida State University, 2011.

BOOTH, D. Sites of Truth or Metaphors of Power? Refiguring the Archive. **Sport in History**, v. 26, n. 1, p. 91-109, jul., 2006.

BUCKEL, B. **Nationalism, Mass, Politics and Sport: Cold War Case Studies at Seven Degrees**. 2008. 128p. Dissertation (Master of Arts in Security Studies) – Postgraduate in Security Studies, Naval Postgraduate School, 2008.

CARTER, T. Game Changer: The Role of Sport in Revolution. **International Journal**

- of the *History of Sport*, v. 31, n. 7, p. 735-746, apr., 2014.
- CALDEIRA, A. **Nyusi admite que embora tenha investido no futebol, resultados vieram das modalidades não prioritárias.** 2 de ago. 2019. Disponível em: www.verdade.co.mz. Acesso em: 4 maio, 2020.
- CALDEIRA, A. **Nyusi aposta na política da cerveja e futebol para novo mandato.** 14 de mar. 2019. Disponível em: www.verdade.co.mz. Acesso em: 4 maio, 2020.
- CALDEIRA, R., ZANDAMELA, A. **Façamos viver o socialismo no desporto: Marcelino dos Santos na abertura oficial dos trabalhos da II Reunião Nacional.** *Notícias*, Maputo, 12 de jan. 1984.
- CALDEIRA, R. **Na área do rigor.** Maputo: O Matolense, 2016.
- CASTANHEIRA, N. **Primeiro festival nacional de jogos escolares: o povo participou, o povo assistiu.** *Tempo*, Maputo, 15 de Jan. 1978. Desporto, p. 59-64.
- CATSAM, D. **The Death of Doubt? Sport, Race, and Nationalism in the New South Africa.** *Georgetown Journal of International Affairs*, v. 11, n. 2, p. 7-13, 2010.
- CHARWAY, D., HOULIHAN, B. **Country Profile of Ghana: Sport, Politics and Nation-Building.** *International Journal of Sport Policy and Politics*, p. 1-16, 2020.
- CLARKE, J., OJO, J. **Sport policy in Cameroon.** *International Journal of Sport Policy and Politics*, p. 1-12, 2016.
- CORNELISSEN, S., MAENNIG, W. **On the Political Economy of ‘Fell-Good’ Effects at Sport Mega-Events: Experiences from FIFA Germany 2006 and Prospects for South Africa 2010.** *Alternation*, v. 17, n. 2, p. 96-120, 2010.
- COSTA, A. **Desporto e análise social.** *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, n. 2, p. 101-109, 1992.
- DARBY, P. **Africa and the ‘World’ Cup: FIFA Politics, Eurocentrism and Resistance.** *International Journal of the History of Sport*, v. 22, n. 5, p. 883-905, aug., 2005.
- DEPETRIS-CHAUVIN, E., DURANTE, R. **One Team, One Nation: Football, Ethnic Identity and Conflict in Africa.** *Afro Barometer*, n. 1, p. 1-43, dec., 2017
- DOMINGOS, N. **As políticas desportivas do Estado Colonial em Moçambique.** *Lusotopie XVI*, n. 2, p. 83-104, 2009.
- DOMINGOS, N. **Futebol e colonialismo: corpo e cultura popular em Moçambique.** Lisboa: Imprensa de Ciência Sociais, 2012.
- GIULIANOTII, R. **O estudo do esporte no continente africano.** In: MELO, V., BITTENCOURT, M., NASCIMENTO, A. (Orgs.). **Mais do que um jogo: o esporte e o continente africano.** Rio de Janeiro, 2010. p. 13-36.
- GRAZIANO, A., PESSULA, P., TEMBE, V. **O passado, o presente e as perspectivas para o desenvolvimento do desporto em Moçambique.** Maputo: CIEDIMA, 2008.
- HOBBSBAWN, E. **Nações e nacionalismos desde 1780.** São Paulo: Câmara Brasileira de Livros, 1990.
- HRSTC, I., MUSTAPIC, M. **Sport and politics in Croatia: Athletes as National Icons in History Textbooks.** *Other Modernities*, n.14, p. 148-165, nov., 2015.
- MACHEL, Samora Moisés. **Educar o Homem para vencer a guerra, criar uma sociedade nova e desenvolver a pátria: mensagem à 2ª Conferência do Departamento de Educação e Cultura.** Maputo: Colin Darch, Centro de Estudos Africanos, 1978.

- MATUSSE, R., MALIQUE, J., ISSUFO, J (eds.). **Armando Guebuza: com acento tónico na Unidade Nacional, Auto-estima e Paz**. Maputo: Presidência da República, 2015.
- MARTIN, S. Football, Fascism and Fandom in Modern Italy. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 116, p. 111-134, 2018.
- MAVOTA, A. **O futebol da divisão nacional**. 25 de mar. 2019. Disponível em: www.jornalvisaomoz.com. Acesso em: 4 Maio, 2020.
- MUBAI, M. **Making War on Village and Forest: Southern Mozambique During the Sixteen-year Conflict, 1976-1992**. 2015. 233f. These (PhD in History) – Postgraduate in History, University of Iowa, 2015.
- MUTHISSE, L., GASPAR, N., MACHAVA, A. **Contribuição para o estudo da história do desporto de Moçambique, 1975-2015**. Maputo: Ministério da Juventude e Desporto, 2015.
- NDLOVU-GATSHENI, S. The World Cup, Vuvuzelas, Flag-Waving Patriots and the Burden of Building South Africa. **Third World Quarterly**, v. 32, n. 2, p. 279-293, 2011.
- PARKS, J. Promoting Authority Through Sport by States and Societies of Eastern Europe. **Handbuch der Sportgeschichte Osteuropas**, p. 1-20, 2017.
- PEREIRA, P. **Públicos e identidades culturais no futebol: o Sporting Clube de Espinho**. 2010. 176f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Curso de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade do Porto, 2010.
- República Popular de Moçambique. Ministério da Educação e Cultura. Direção Nacional de Educação Física e Desportos. **Desporto federado: regulamento geral**. [S.l.: s.n], 1979.
- SCHLER, L., DUBINKSY, I. Green Eagle Nation: The Politicization of Sports Journalism in the Post-Independence Nigerian Press. **African Studies Review**, v. 0, n. 0, p. 1-23, 2020.
- SEIPPEL, O. Sports and Nationalism in a Globalized World. **International Journal of Sociology**, v. 47, n. 1, p. 43-61, 2017.
- OGUNNUBI, O. Soft Power and Currency of Sport: (Re)imagining South Africa's Rising Hegemony in Africa. **Global Society**, p. 1-21, 2019.
- WEIMER, B., CARRILHO, J. **A economia política da descentralização em Moçambique: dinâmicas, efeitos, desafios**. Maputo: IESE, 2017.
- WEIMER, B. **Vampiros, Jihadistas e violência estrutural em Moçambique: reflexões sobre manifestações violentas de descontentamento local e suas implicações para a construção da paz**. Maputo: IESE, 2020.
- VIDACS, B. Football in Cameroon: A Vehicle for the Expansion and Contraction of Identity. **Culture, Sport, Society**, v. 2, n. 3, p. 100-117, 1999.
- VIDACS, B. O esporte e os estudos africanos. In MELO, V., BITTENCOURT, M., NASCIMENTO, A. (Orgs.). **Mais do que um jogo: o esporte e o continente africano**. Rio de Janeiro, 2010. p. 37-70.
- ZENENGA, P. Visualizing Politics in African Sport: Political and Cultural Constructions in Zimbabwean Soccer. **Soccer & Society**, v. 13, n. 2, p. 250-263, 2012.

Notas

- ¹ Renato Caldeira (comunicação pessoal, 26 de outubro, 2021).
- ² “A educação física e o desporto no programa da Frelimo”. **Tempo**, Maputo, 6 de out. 1974. Desporto, p. 29.
- ³ “O desporto juvenil no I Seminário do Desporto da Província de Maputo”. **Tempo**, Maputo, 06 de abr. 1975. Desporto, p. 45.
- ⁴ “Princípios da Frelimo devem entrar no Desporto: Marcelino dos Santos na recepção de encerramento do II Encontro Nacional, na Beira”. **Notícias**, Maputo, 16 de jan., 1984.
- ⁵ “Implantar um sistema de educação física em que a prática vá ao encontro do povo”. **Notícias**, Maputo, 27 de jan. 1976. Desporto, p. 7.
- ⁶ República Popular de Moçambique. Ministério da Educação e Cultura. Direção Nacional de Educação Física e Desportos. **Desporto federado: regulamento geral**. [S.l.: s.n], 1979, p. 3.
- ⁷ “Escangalhar as estruturas de Estado coloniais”. **Tempo**, Maputo, 17 de fev. 1980; “É preciso descalçar a bota e limpar o Matope: escangalhar as estruturas e métodos do Estado colonial-capitalista – discurso do presidente Samora Machel no encerramento da sessão alargada do Conselho de Ministros”. **Notícias**, Maputo, 8 de fev. 1980.
- ⁸ João Carlos da Conceição (comunicação pessoal, 2 de dezembro de 2021).
- ⁹ Ver: “Resultados eleitorais”. Disponível em: <https://www.iese.ac.mz>. Acesso em: 11 setembro, 2021.
- ¹⁰ Em 2005 também passou a designar-se Moçambola (MUTHISSE, GASPAS, MACHAVA, 2015).
- ¹¹ “No Cairo, vocês agiram como embaixadores: Presidente Chissano ao dirigir-se ontem a delegação moçambicana dos jogos pan-africanos”. **Domingo**, Maputo, 6 de out. 1991.
- ¹² “No Cairo, vocês agiram como embaixadores: Presidente Chissano ao dirigir-se ontem a delegação moçambicana dos jogos pan-africanos”. Maputo, **Domingo**, 6 de out. 1991.
- ¹³ “Os êxitos do nosso desporto terão continuidade com Guebuza: Presidente Chissano falando ontem aos desportistas da capital”. **Notícias**, Maputo, 28 de nov. 2004.
- ¹⁴ “Inaugurada “casa de futebol”. **Notícias**, 19 de maio, 2015. Disponível em: <https://www.jornalnoticias.co.mz>. Acesso em: 15 novembro, 2020.
- ¹⁵ GUEBUZA, A. E. **Discurso de S.Exa o Presidente da República por ocasião da sua investidura no dia 14 de janeiro de 2010**. Disponível em: <https://www.portaldogoverno.gov.mz>. Acesso em: 10 novembro, 2020.
- ¹⁶ Alguns discursos de Armando Guebuza sobre os Jogos escolares: **Jogos Escolares: Cimentando a Unidade Nacional, Cultura de Paz, fraternidade e a solidariedade entre os jovens; Jogos Desportivos Escolares: Promovendo o convívio entre Moçambicanos para consolidar a Unidade Nacional; Jogos Desportivos Escolares: Evento onde a consciência de Nação se cristaliza; Vitórias Desportivas: Factores de consolidação da Unidade Nacional, da auto-estima e da cultura de Paz** (MATUSSE, MALIQUE, ISSUFO, 2015).
- ¹⁷ “Chefe de Estado moçambicano destaca desporto como factor de unidade”. **Portal Angop**, 24 de abr. 2011. Disponível em: www.portalangop.co.ao. Acesso em: 4 maio, 2020.
- ¹⁸ “Andemos mais depressa rumo aos Jogos Africanos”. **Notícias**, Maputo, 26 de abr. 2011.
- ¹⁹ “Moçambique serão vocês: Presidente desafia atletas a fazerem história”. **Notícias**, Maputo, 3 de nov. 2011.
- ²⁰ Guebuza encoraja “Mambas”. **Verdade**, Maputo, 4 de fev. 2010. Disponível em: www.verdade.co.mz. Acesso em: 4 maio, 2020.
- ²¹ “Moçambola veículo da unidade nacional”. 27 de jan. 2011. Disponível em: <https://cedid.blogs.sapo.mz>. Acesso em: 11 novembro, 2020.
- ²² “Pr encoraja a selecção nacional de futebol”. 9 jan. 2014. Disponível em: www.jornalnoticias.com.mz. Acesso em: 2 maio, 2020.
- ²³ “Desporto é um instrumento de unidade nacional e da paz, segundo Sumbana”. **Notícias**, Maputo, 17 de set. 2013. Disponível em: www.jornalnoticias.com.mz. Acesso em: 4 maio, 2020.
- ²⁴ Moçambique, INE. **Quadros do produto interno bruto de Moçambique, 2007-2017**. Disponível em: www.ine.gov.mz. Acesso em: 15 outubro, 2021.
- ²⁵ “Presidente Guebuza na sua homenagem: desportistas promotores da unidade nacional”. **Notícias**, Maputo, 27 out. 2014. Disponível em: www.jornalnoticias.com.mz. Acesso em: 4 maio, 2020.
- ²⁶ “Presidente da República dá força aos Mambas”. **Domingo**, Maputo, 23 de jul. 2017.
- ²⁷ “Liga Moçambicana interrompe campeonato por falta de verba para voos das equipas: 'Moçambola' vai estar parado depois da sexta jornada por tempo indeterminado”. 13 de abr. 2018. Disponível em: <https://desporto.sapo.pt>. Acesso em: 15 novembro, 2020.
- ²⁸ “O Presidente da República, Filipe Nyusi, garante que o Campeonato Nacional de Futebol, o Moçambola 2018, não vai sofrer interrupção”. **Rádio Moçambique**, 30 de abr. 2018. Disponível em: <https://www.rm.co.mz>. Acesso em: 10 novembro, 2020.
- ²⁹ “Intervenção do Chefe de Estado viabiliza Moçambola”. 14 abr. 2019. Disponível em: www.ligamocambique.org.mz. Acesso em: 5 maio, 2020